

reportagem cultural

Uma arquiteta dos quadrinhos

Daniel Sanes*

Ana Luiza Goulart Koehler nasceu em 12 de maio de 1977, no bairro Petrópolis. Filha de um cardiologista e de uma bibliotecária, herdou o amor pelos quadrinhos dos pais. “Os dois sempre cultivaram esse hábito, e passaram pra mim. Li muito Tio Patinhas, Tintim, Turma da Mônica”, diz.

O desenho acompanhou a leitura. Desde pequena, Ana já tinha em mente que queria criar histórias. Porém, percebia que os quadrinhos, como profissão, não seriam tão estimulados. “Naquela época não tinha essa coisa de colocar em uma escola de artes, de encarar como algo sério. A arte não era vista nesse nível – era, inclusive, desencorajada. O pensamento das pessoas era: ‘na hora que precisar trabalhar, ela vai fazer outra coisa.’”

O fato é que Ana nunca parou de desenhar. Entre os colegas do Colégio Farroupilha, ficou conhecida como a artista da turma. Seu talento logo chamou atenção de uma professora, que precisava de alguém para ilustrar um livro de idioma alemão. Foi seu primeiro trabalho na área, aos 16 anos. “Fiz isso durante algum tempo. Essa experiência me ajudou a entender como funciona o mercado editorial, a questão dos prazos, entre outros aspectos”, explica.

Na hora de escolher uma gra-

duação, viu-se diante de um velho dilema. “Tinha dificuldade de encarar o desenho como profissão, de ser valorizada e de convencer as pessoas de que aquilo iria dar certo. Cheguei a fazer teste para Artes Plásticas, mas sabia que não era exatamente o meu ramo. Optei por cursar Arquitetura na Ufrgs, meio na ‘força do ódio’”, brinca. “No fim das contas, acabei utilizando esse conhecimento de uma forma que não imaginava.”

Mesmo assim, os quadrinhos nunca saíram de seu radar. Pelo contrário: já em 2003, depois de um “mochilão” na Europa, teve

contato com as HQs francesas e ficou impressionada com a temática dos roteiros. “Eu só conhecia Mônica, Disney, super-heróis e um pouco de mangá. E os quadrinhos que descobri por lá falavam de história – das cidades, dos acontecimentos do país –, algo que sempre gostei.”

Empolgada, Ana começou a acompanhar o site da Dargaud, uma tradicional editora francesa que abria espaço para os leitores publicarem os próprios desenhos. Sem grandes pretensões, resolveu postar amostras de seu trabalho. “Cerca de um ano e meio depois,

dois roteiristas belgas (Fuat Erkol e Christian Simon) entraram em contato comigo, dizendo que viram meu trabalho no site e que ele se encaixava no projeto que eles queriam oferecer para algumas editoras. E assim fiz meu primeiro livro para o mercado franco-belga”, conta.

Publicado em dois volumes, em 2009 e 2010, *Awrah* é um romance gráfico que se passa em Bagdá, por volta do ano 800 – algo no estilo *As Mil e Uma Noites*. A partir dessa saga, a artista começou a ser requisitada para outros trabalhos, como *Carthage* e

Une Génération Française, sempre com ambientação histórica e cenários ricos em detalhes.

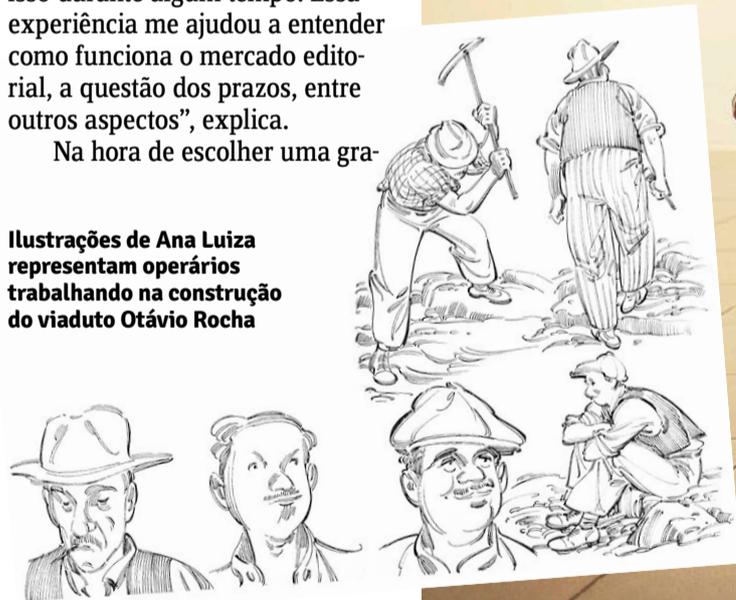
Embora a qualidade dessas obras seja inegável, as tramas retratam realidades bem distintas da brasileira. Além disso, as publicações nunca receberam tradução para o português, ficando à margem do mercado nacional de HQs. Essas questões foram determinantes para que a carreira de Ana tomasse um novo rumo. “Entendi que a história em quadrinhos que eu queria que existisse só iria existir se eu mesma escrevesse.”

ANTONIO MAINIERI/GOETHE-INSTITUT/DIVULGAÇÃO/JC



Ana Luiza Koehler na mostra *A Modernização de Porto Alegre em Quadrinhos*, em cartaz no Goethe-Institut de Porto Alegre

Ilustrações de Ana Luiza representam operários trabalhando na construção do viaduto Otávio Rocha



Nova história, novo visual

Se nos trabalhos sob encomenda os desenhos de Ana Luiza Koehler são realistas, em *Beco do Rosário* e *Viaduto* ganham contornos mais soltos, mas nem por isso menos expressivos. Para criar suas obras autorais, ela trocou o lápis pelo bico de pena – uma transição que não se mostrou nada fácil. “Foram dois anos de experimentações até me sentir confortável com essa técnica”, revela.

A mudança também é reflexo de sua pesquisa de mestrado. A artista se encantou com os desenhos utilizados

para ilustrar anúncios publicitários, revistas e charges nos jornais do início do século XX.

No blog *Beco do Rosário*, Ana dá detalhes sobre como tomou essa decisão: ela queria contar uma nova história e, para isso, precisava desenvolver um estilo que se relacionasse com o momento histórico retratado. “Inconscientemente ou não, fui naturalmente me dirigindo a reproduzir essa estética da época, cujo traço forte do nanquim sempre me fascinou e agradou muito.”

O que foi o Beco do Rosário

O Beco do Rosário foi uma antiga via localizada no Centro de Porto Alegre. No início do século XX, essa região era habitada por uma população diversa, incluindo negros libertos, imigrantes europeus e trabalhadores de baixa renda.

O beco ficou conhecido por sua intensa vida comunitária e por abrigar a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que foi inaugurada em 1827 e serviu como importante centro religioso e social para a comunidade negra.

Nos anos 1920, como parte de um projeto de modernização urbana da Capital, o Beco do Rosário foi demolido para dar lugar à avenida Otávio Rocha. Esse processo resultou na desapropriação de imóveis, afetando significativamente as comunidades que ali residiam.

